

Luiz Costa Lima: afinidades e linha de força de uma obra

*Raphael Guilherme de Carvalho*¹

Resumo: O ensaio que segue procura delinear parte da trajetória intelectual do teórico da literatura Luiz Costa Lima (1937 -), evidenciando algumas linhas de força de sua obra e vinculações teóricas. Alguns dos temas privilegiados e passagens da trajetória do autor aqui abordados são as críticas do sistema intelectual brasileiro; do estruturalismo à hermenêutica literária e estética da recepção; da história e da ficção; e da ressignificação do conceito de *mimesis*. Na articulação recíproca entre autor, texto e contexto e, principalmente, ao tentar situar o autor e suas ideias em perspectiva histórica, este texto ensaia uma pequena peça de história intelectual.

Palavras-chave: Luiz Costa Lima, teoria da literatura, *mimesis*, história e ficção, história intelectual.

Résumé: Cet essai vise à explorer parties de la trajectoire de Luiz Costa Lima (1937 -) et quelques aspects théoriques recourants. L'intention est d'interagir les catégories auteur, texte et contexte. Certains points abordés sont les critiques du système intellectuel brésilien; du structuralisme littéraire à l'esthétique de la réception; histoire et fiction; et la redéfinition de la notion de *mimesis*. En essayant de situer l'auteur et ses idées dans une perspective historique, ce texte prétends être un petit travail de l'histoire intellectuelle.

Mots-clés: Luiz Costa Lima, théorie de la littérature, *mimesis*, histoire et fiction, histoire intellectuelle.

Luiz Costa Lima: affinités et constants d'une oeuvre

¹ Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR). Bolsista do CNPq. E-mail: raphaelguilherme83@gmail.com

*Afinidades Eletivas: historicidade e teoria literária*²

Luiz Costa Lima (1937 –) com frequência rezinga da ausência de interlocutores de sua obra no Brasil, bem como das dificuldades de ser um intelectual, na plena acepção do termo, em um país em que vigora, ainda, o beletrismo ostentatório, mesmo há tanto denunciado por boa parte dos críticos de cultura, como José Veríssimo (1857-1916), e a lhanza e cordialidade no trato de assuntos de interesse público, conforme uma das principais teses de *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). A lógica do favor (e da punição, tomo a liberdade de acrescentar), presente em nossas raízes culturais, seria um dos pilares do campo intelectual brasileiro, em detrimento da própria razão de ser deste campo, a construção do saber e o engajamento de cidadãos compromissados com o desenvolvimento científico e cultural. Outro pilar seria a continuidade da dependência da “metrópole”, para além de termos estritamente econômicos, mas também intelectuais. Ambas as razões concorrem negativamente para a inexistência de um campo intelectual autônomo no Brasil. Paralela à crítica ao “sistema intelectual” brasileiro, Luiz Costa Lima demonstra insatisfação, dizia também, quanto a um constrangedor vazio referente aos estudos teóricos/reflexivos no campo da literatura, o que reduz a fatia potencial de leitores e interlocução com suas obras.

Dois acontecimentos e dois textos do autor demonstram a origem e as razões de suas preocupações nesse sentido e dão acepção justa ao uso, de minha parte, da palavra “rezinga” na abertura do texto. Não se trata de um resmungo qualquer, muito menos preciosismo da parte do autor o reclame dos empecilhos para a carreira intelectual no Brasil. Discerne, isso sim, o enraizamento do problema em questões culturais fundas que, a despeito das inúmeras críticas desferidas, permanecem atuantes. Sua própria trajetória o atesta.

No início da carreira, ele enfrentaria problemas por defender uma reflexão teórica mais consistente para os estudos literários no país, em resposta à premissa então em voga de que

² Seguindo a conceituação proposta por Michael Löwy – que estudou a expressão na obra de Goethe e Weber – “afinidade eletiva” designa uma “relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais, não redutível à determinação causal direta ou “influência” no sentido tradicional”. In: LÖWY, M. **Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central** (um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 13. No caso de Luiz Costa Lima, como procurar-se-á demonstrar, há afinidade entre estética da recepção, hermenêutica e historicização quando opta por essas posições teóricas, em detrimento do estruturalismo, para dar continuidade a seu projeto de fundamentar a *mimesis* como processo de permanente devir. Isso fica patente, por exemplo, quando afirma, ao refletir sobre o pensamento de Iser: “(...) é o efeito (produto de orientações e valores) atualizado no leitor que lhe serve de filtro para emprestar sentido à indeterminação contida no texto.” In: COSTA LIMA, L (Org.). **A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção**. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p. 24.

teoria literária seria matéria de “incapazes ou não humildes”. Em “*Quem tem medo de teoria*” (1975), artigo publicado originalmente no jornal *Opinião*, depois republicado na coletânea *Dispersa Demanda* (COSTA LIMA, 1981a), o autor defendia o estruturalismo como abordagem literária, em oposição aos cânones estabelecidos na crítica e história literárias das letras nacionais: “ainda não se verificara entre nós o desenvolvimento do pensamento crítico até a dimensão da teorização sobre a literatura, tomada como um discurso entre outros” (COSTA LIMA, 1981a, p. 194). Anos antes, Luiz Costa Lima seria um dos responsáveis pela introdução do estruturalismo no contexto intelectual brasileiro. Ainda assim, uma recepção tardia. Em 1968, publicava *O estruturalismo de Lévi-Strauss*, uma coletânea de textos selecionados e introduzidos por ele. Recepção tardia decorrente da arritmia em relação aos centros hegemônicos de produção de saber, em que pese o esforço do modernismo brasileiro para, na expressão de Oswald de Andrade, “acertar os ponteiros da nação”, ajustá-los ao concerto internacional. O estruturalismo, segundo a *História do Estruturalismo* de François Dosse, teve sua época de maior intensidade no ano de 1966 e, a partir de então, começa a sofrer abalos e questionamentos que conduzirão o paradigma ao declínio (DOSSE, 1993, p. 391-394). O texto de 1975 provocara reações enfáticas de seus pares, como Ana Cristina César. As respostas foram publicadas no mesmo jornal *Opinião*, o que provocou, pelo menos, aquilo que alertava a abertura do artigo: o uso da autoridade e da força para reprimir o diálogo e a discussão e suprir o vazio da carência de argumentos. Chegou-se ao absurdo de criar-se um factóide, sobre o qual, estarecido, relembra Luiz Costa Lima:

Relacionava-se a introdução do estudo da teoria ao baixo nível dos estudantes de letras, como se o tempo gasto com a teoria impedisse os alunos de ler mais literatura, e chegava-se a insinuar que a escolha da matéria houvesse sido uma manobra da ditadura. A criação do mito era curiosa: porque a ditadura temia os efeitos da literatura, contra ela estimulava a sua teorização! (COSTA LIMA, 2006, p. 33)

A tessitura do boato deve-se, de acordo com o próprio, à poetisa Ana Cristina César, uma das autoras a participar do debate no jornal *Opinião*: segundo Ana Cristina, “a colocação dualista (a teoria x não-teoria) mistifica a questão”, isto é, ignoraria o “conteúdo político presente nela” (FARIA, 2008).

Antes, porém, da polêmica suscitada pelo debate em torno da teoria da literatura e do estruturalismo, Luiz Costa Lima fora duas vezes preso pela ditadura militar. Este é outro acontecimento marcante de sua trajetória a que me referi. Texto correspondente é o *Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil* (1978) (COSTA LIMA, 1981b). Nele é

que o autor fará a denúncia do aspecto elitista e por isso mesmo decorativo e acrítico da *intelligentsia* brasileira. O “sistema intelectual” (por essa expressão, entende ou ressalta basicamente as disputas internas por poder, em nível institucional e intelectual, nas Universidades, academias de ilustrados e demais instituições culturais) seria, então, lugar de reprodução da lógica do clientelismo da sociedade brasileira, em que vigora o favor (na ausência de criticidade) ou a punição (quando se ousa uma incisão mais aguda). Este texto do autor é bastante citado quando se trata de analisar ou criticar as instituições culturais e educacionais brasileiras. Na base empírica, por assim dizer, das motivações desse texto, possivelmente se encontra, entre outras (ele cita “o medo, a impotência, os pés sem chão”) (COSTA LIMA, 1981b, p. 4), o episódio da primeira passagem do autor pela polícia política do regime militar. Em entrevista recente para a relevante revista de *História da Historiografia* (UFOP), o autor narra essa passagem de sua trajetória intelectual:

Veio o golpe e, passado alguns dias, fui levado à prisão. Na prisão, soube que a realidade era que havia perdido o emprego de professor, estava cassado, e que – coisa que não é possível confirmar – Gilberto Freyre havia me denunciado. A antipatia de Gilberto fora despertada, pouco antes, por um episódio inusitado. Gilberto havia escrito um artigo dizendo que alguns jornalistas, por serem comunistas, publicavam as fotos dele sempre muito feias. Então, eu fiz uma nota na revista que dirigia [*Estudos Universitários*, UFPE], transcrevendo o comentário e acrescentando o meu: “nada demais se se tratasse de um artista de cinema, mas é um velho antropólogo que está escrevendo isso”. Isso deu um bafafá que resultou no fechamento da revista (ARAUJO, 2010, p. 265-276).³

Em seguida a esses acontecimentos infelizes, foi cassado pelo AI-1. Era docente na UFPE e dirigia, a convite de Paulo Freire, seu vizinho (era vizinho também, na região de Apipucos, no Recife, de Gilberto Freyre e do Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais), a *Revista de Estudos Universitários*. Mudou-se para o Rio de Janeiro e, em 1965, passou a lecionar sociologia na PUC-RJ, onde trabalha até o presente. Em 1972, porém, foi-lhe exigido o título de doutor para que prosseguisse a carreira docente. Então, passou a lecionar na Escola de Desenho Industrial, onde, por sorte, conheceu a filha do crítico literário Antonio Candido, Ana Luísa Escorel, que a ele apresentou o pai. Antonio Candido disse que assinaria seu nome como orientador, mas que não teria tempo de realizar o trabalho na prática. Luiz Costa Lima

³ A suspeita de Luiz Costa Lima sobre Freyre não o impede de considerar e analisar, por exemplo, a plasticidade do texto freyreano: “por maiores que sejam as diferenças pessoais que guardo do autor, não pensaria em negar a qualidade de sua linguagem”. In: *Da existência precária: sistema intelectual no Brasil*. In: **Dispersa demanda**: ensaios sobre literatura e teoria. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, p. 17. Em “As aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa” (1989), outro exemplo, embora bastante crítico, o autor dedica todo um extenso capítulo de interpretação da grande obra de Gilberto Freyre, “Casa Grande & Senzala” (1933).

preparou, então, uma tese, *Estruturalismo e Teoria Literária* (1972), sem participação efetiva de Antonio Candido. Embora, segundo consideração do próprio autor, o estruturalismo não fosse muito bem visto à época, foi aprovada a tese sem maiores constrangimentos. Em 1975, já incorporado ao departamento de Letras da PUC-RJ, teria a oportunidade de viajar à Alemanha. Por diversos motivos, tal viagem representa um ponto de viragem decisivo na trajetória intelectual do teórico da literatura. A partir de sua preleção, deduzimos pelo menos dois: o contato com a estética da recepção (mais uma vez, Luiz Costa Lima realizaria a grande contribuição de trazer ao Brasil os últimos debates de alto nível nos centros de produção internacionais) e a aproximação de uma das constantes de sua obra, a preocupação com o conceito de *mimesis*:

Tive o privilégio de ter aulas com [Hans Robert] Jauss e Wolfgang Iser. Com este último, me dei muito bem. O mesmo digo de [Hans Ulrich] Gumbrecht, jovem aluno e assistente de Jauss, que se tornou meu amigo. Eu sentia que ali se abria o campo que poderia possibilitar desenvolver o que o estruturalismo já não me parecia dar conta. Consegui, através de Gumbrecht, prolongar minha estada [na Alemanha] com mais uma bolsa. Fui para Bochum, onde pude começar a traduzir textos para o português, do qual resultaria *A literatura e o leitor* (1979). Através da estética da recepção, especialmente pelo contato com Iser e [Karlheinz] Stierle, vi a contribuição da noção de espaço vazio a ser preenchido pelo leitor, para a elaboração crítica do fenômeno estético. Foi nessa época que “apareceu” a primeira de minhas ideias fixas, a questão da “mimesis” (ARAUJO, 2010, p. 269).

Não seria pertinente nem desejável, considerada a pequena proporção e os modestos objetivos deste trabalho, alongar demais o texto para delinear o perfil biográfico de Luiz Costa Lima ou comentar sua vasta bibliografia.⁴ Até aqui, tencionou-se demonstrar o viés crítico e até engajado do autor, a fim de iluminar uma face de seu perfil. Ainda assim, penso que se deve relativizar a crítica de Luiz Costa Lima ao sistema intelectual brasileiro. Quero dizer, tão-somente, que nem sempre os problemas mencionados são exclusividade brasileira. Se os imbróglis com a ditadura militar ou com a referida má aceitação inicial do estruturalismo o perturbaram e, de certa forma, quase barraram suas pretensões (o que seria uma lástima para a teoria da literatura, a teoria da história e até a filosofia no Brasil), basta lembrar um exemplo óbvio, e apenas um entre tantos similares, o da Alemanha nazista, que perseguiu e forçou o exílio de intelectuais, como Hannah Arendt, Erich Auerbach, Walter

⁴ Para uma leitura da trajetória intelectual de Luiz Costa Lima, ver COSTA LIMA, L. Esboço de uma autobiografia intelectual. In: **Vida e mimesis**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995; Para um balanço da obra de Luiz Costa Lima, ver GUMBRECHT, H. U.; ROCHA, J.C. (Orgs). *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Benjamin (dentre estes, o de pior sorte). *Mimesis*, o clássico de 1946 de Auerbach, segundo o próprio, foi todo escrito em Istambul, sem o conforto de consultar uma biblioteca especializada e sem acesso a pesquisas recentes e edições críticas da confiança do autor.⁵

O importante, neste ponto, era atingir os dois traços (ou, mais vigorosamente, duas “linhas de força” principais da obra de Luiz Costa Lima) mencionados – a aproximação com a hermenêutica literária, a estética da recepção, e a questão da *mimesis*. A hermenêutica literária e a estética da recepção são de interesse do historiador pela afinidade evidente com o historicismo e com a hermenêutica como etapa metódica por excelência da ciência da história. A *mimesis*, por sua vez, na medida em que perpassa toda a obra do autor, além da pertinência em relação à teoria da história (A história seria também uma forma de *mimesis*?), mais a dimensão histórica do conceito (que se transforma em períodos diferentes nos quais é apropriado) e a proximidade temporal (a contemporaneidade do conceito). A própria *mimesis* de Auerbach, por exemplo, aluno de Ernst Troeltsch (1865-1923), tem um enraizamento no historicismo.

Conforme o trecho citado da entrevista com o autor, sobre a viagem de 1975 à Alemanha, há uma vinculação profunda entre Luiz Costa Lima e a escola da estética da recepção, de Jauss, Iser e Gumbrecht. Além de aluno de Jauss e Iser, estendeu para a vida íntima uma amizade profícua com Hans Ulrich Gumbrecht.⁶ Por meio do leitor, que sai da obscuridade da abordagem exclusivamente internalista ao mundo do texto, como no formalismo e no estruturalismo, levantam-se questões sobre as relações entre história e estética como eventos que podem ser delineados, assim como outras tantas instâncias dos atos históricos então tradicionalmente negligenciados. O projeto de Jauss (1921-1997), de suas proposições (provocações) teóricas inovadoras (para os anos 1970) – por uma nova história da literatura –, era uma “apologia da compreensão histórica” (JAUSS, 1994, p. 73), nos moldes

⁵ AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 502. Cf. Waizbort, contradizendo o próprio Auerbach, trata-se de “pura mitologia” a consideração do livro como resultado do isolamento em Istambul, pois foi publicado assim da chegada de Auerbach à cidade, o que descartaria a hipótese de nela ter sido escrito. In: WAIZBORT, L. Erich Auerbach sociólogo. *Tempo social*, São Paulo, v. 16, n. 1, jun., 2004, p. 86.

⁶ Além da organização por Gumbrecht de um trabalho – já referenciado – sobre a obra de Luiz Costa Lima, veja-se do mesmo autor o artigo “The Sculpture of Luiz Costa Lima”, In: *Crossroads: An interdisciplinary journal for the study of history, philosophy, religion and classics*. v. 4, issue 11, 2010, p. 6-9. Este artigo tem um tom informal, intimista, e trata da relação de amizade entre ambos. Por exemplo, na seguinte passagem: “We recently met at Academia da Cachaça, on purpose alone finally, no students, no colleagues with us, a bit insecure about having to rely on each other, like a loving couple shaken by crises and old age” (p. 8). Além da amizade com Luiz Costa Lima, as relações de Gumbrecht com o Brasil se acentuam, pois, quase anualmente, tem palestrado e ministrado mini-cursos e workshops no Seminário Nacional de História da Historiografia, promovido pela Sociedade brasileira de Teoria da História e Historiografia (SBTHH) e pelo Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que realizou sua 5ª. edição em agosto de 2011, no campus de Mariana-MG.

do historicismo⁷ e segundo a tradição hermenêutica que remonta a Dilthey, a quem coube tornar a dimensão histórica do conhecimento um fundamento das ciências do espírito. Cabe citá-lo para esclarecer seu tencionamento:

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita que se apresentem as questões para as quais o texto constitui uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra (JAUSS, 1994, p. 35).

Compreender a obra em sua historicidade (DOSSE, 2003) requer, ainda, que se preste a devida atenção à inevitabilidade da “fusão dos horizontes de expectativa” do presente (atual, de onde fala o intérprete/historiador) e do passado (que se quer reconstruir). Hans Georg Gadamer, falando sobre a distância temporal, chama atenção para a impossibilidade de reconstituição plena do sentido histórico: essa impossibilidade mesma seria o trampolim para a compreensão ao se erigirem pontes a fim de se reconstruir um sentido histórico (GADAMER, 1997, p. 449-458). Até certo ponto, Jauss absorve as ideias de Gadamer, sobremaneira a “fusão de horizontes”, na sua tentativa de história da literatura. As questões que se impõem são afetadas pelo horizonte atual, não podendo mais inserir-se em seu contexto original. É o que Jauss chama “a diferença hermenêutica” entre a compreensão passada e presente de uma obra.

No entanto, os três autores alemães mencionados não têm as mesmas concepções. Mesmo que se chame com frequência a estética da recepção de “escola”, não se pode reivindicar homogeneidade para o grupo: Jauss concentra-se na fenomenologia da resposta histórica e pública ao texto; Wolfgang Iser (1926-2007) busca explorar a questão do ato individual da leitura (no tempo). A sua “teoria do efeito” (ISER, 1996) defende que o texto é uma estrutura a partir da qual o leitor constrói suas próprias interpretações, sendo a leitura vista como processo de comunicação entre o autor, o texto e o leitor. O leitor, assim, além de sofrer seus efeitos, também age ao interagir com a estrutura do texto, e a literatura se realiza na leitura.

Gumbrecht, a seu turno, parece distanciar-se, contemporaneamente, de tais concepções; mas, já nos anos 1970, assinalando suas diferenças em relação ao texto canônico de Jauss, trata de questioná-los: tratar-se-ia de apenas deslocar o centro de gravidade,

⁷ Para uma conceituação do historicismo, conceito amplo e polissêmico, ver IGGERS, G. **The german concept of history: the national tradition of historical thought from Herder to the present.** Londres: Wesleyan University Press, 1988.

deslocando-o do texto para o leitor? A estética da recepção manteria intactos os pressupostos da crítica imanentista (textual, somente), apenas oferecendo à estética tradicional uma base mais consistente? Para Gumbrecht, a estética da recepção representaria uma “mudança paradigmática” se se mostrasse capaz de propor um abandono da fixação das “interpretações corretas” de um texto – como na tradição hermenêutica – em prol da compreensão de diferentes elaborações de sentido de um dado texto em dada historicidade (COSTA LIMA, 1979, p. 12). Mais recentemente, Gumbrecht desferiu duros golpes na hermenêutica histórico-literária⁸ ao opor à noção de sentido a noção de “presença” (mais superficial, ao nível dos sentidos, e não do espírito, o tradicional encarregado da compreensão):

Em contraste com a interpretação e a hermenêutica, o desejo pela experiência direta de mundos passados se dirige às características sensuais das superfícies, e não à profundidade espiritual. [...] Aquilo que nos orienta especificamente em direção ao passado é o desejo de atravessar o limite que separa as nossas vidas do tempo anterior ao nosso nascimento. Queremos conhecer os mundos que existiam antes que estivéssemos nascidos, e ter deles uma experiência direta. Esta “experiência direta do passado” deveria incluir a possibilidade de tocar, cheirar e provar estes mundos através dos objetos que os constituíram (GUMBRECHT, 2010, p. 467-70)⁹

Relacionadas, de um modo ou de outro, estão, portanto, a estética da recepção e a hermenêutica – sobretudo em Jauss, mas também em Iser, e em Gumbrecht, que a dada altura, procura afastar-se de seus professores. Luiz Costa Lima, em *Teoria da literatura em suas fontes* (1983), escreve um ensaio sobre “hermenêutica e abordagem literária”, em que se questiona se a reviravolta da hermenêutica (refere-se a Gadamer e Habermas e os debates entre eles) contemporânea não tem paralelos com a expressão e análise literárias. Luiz Costa Lima parte da hermenêutica antiga, a qual comenta brevemente, passa pela hermenêutica romântica de Schleiermacher e Dilthey e a virada que passa por Heidegger e culmina em Gadamer. Na hermenêutica de Schleiermacher, no século XVIII, houve maior preocupação metódica e a

⁸Em entrevista concedida em 2009, durante o 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia, na UFOP, campus Mariana-MG, Gumbrecht deixa despontar alguma mágoa em relação àquele que fora seu orientador, Jauss, quando, segundo seu relato: “surgiu uma notícia de que Jauss, que sempre se disse um homem de esquerda, teria sido não somente um oficial de alto escalão na SS, mas talvez teria sido um daqueles 25 oficiais da SS que teriam acompanhado Hitler em seu *bunker*. Para mim foi uma desilusão existencial enorme. É uma memória muito traumática, mas como vocês estão me perguntando, eu estou contando a história. Geralmente eu não falo dele. Eu não gosto de lembrar disso”. Essa notícia foi decisiva para caminhar em direção à “filosofia da presença” e abandonar a hermenêutica. In: ANTONIOLLI, J. F.; BATALHONE Jr., V.C. Uma conversa sobre história – entrevista com Gumbrecht. *Aedos*, n. 5, vol. 2, Julho-Dezembro, 2009, p. 154-5.

⁹ GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-RJ, 2010, p. 467-70. Para uma análise da historiografia de Gumbrecht, ver ARAÚJO, V. L. Para além da autoconsciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht. *Varia historia*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.314-328, Jul/Dez 2006. Para a aplicação de tal noção de presença na historiografia, GUMBRECHT, H. U. **1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

interpretação restringiu-se ao momento da compreensão; em Gadamer, já no século XX, há um desvencilhamento da preocupação metódica e enfatiza-se, concomitante à compreensão, a etapa de sua aplicação e a hermenêutica filosófica, globalizante. A motivação do texto de Luiz Costa Lima reside na observação de, com a estética da recepção – por exemplo na revalorização da intencionalidade autoral e da historicidade, evidentes em Iser – uma superação das explicações psicologizantes e causais, em favor da circularidade hermenêutica, em que o texto é um item de um contexto mais amplo, e entre ambos – texto e contexto – há diálogo permanente. Isso favoreceria, do ponto de vista da teoria literária, a interdisciplinaridade (COSTA LIMA, 1983, p. 79-83).

Linha de força: revisão da mimesis e a mimesis contemporaneamente

Essa interdisciplinaridade é uma das marcas fundamentais da obra do autor, em total desobediência às fronteiras discursivas/disciplinares demarcadas. Exemplo disso é uma de suas obras mais conhecidas (não só) no campo da teoria da história: *História. Ficção. Literatura* (2006) dimensiona o aparecimento de cada um destes canteiros do saber, as discussões que suscitaram no tempo e as aproximações e distanciamentos entre a escrita da história e o romance de ficção. Não apenas as fronteiras disciplinares são transgredidas, como se percebe. Também os recortes específicos da pesquisa especializada são menosprezados, a temporalidade com que trabalha é a mais ampla possível. No caso da história, procede a uma leitura que percorre praticamente toda cultura histórica ocidental, de Homero, Heródoto e Tucídides, passando pela modernidade da ciência da história com Leopold von Ranke, Johan Gustav Droysen, Georg Simmel, Max Weber, até os teóricos e historiadores mais contemporâneos, como Reinhart Koselleck e Paul Ricoeur.

Uma questão proposta pelo autor na seção sobre escrita da história dá a dimensão da questão interdisciplinar referente à obra do autor: inspirado na filosofia de Paul Ricoeur,¹⁰ pergunta-se se o passado (estando nele o objeto da história), não pode ser considerado uma variedade da *mimesis*. Por exemplo, em Ranke, segundo Luiz Costa Lima, a escrita da história, a partir de seu enunciado mais conhecido (sobre “mostrar o passado como tal e como

¹⁰ “[...] uma problemática comum corre através da fenomenologia da memória, da epistemologia da história e da hermenêutica da condição histórica: a da *representação do passado*. A pergunta é colocada em sua radicalidade, desde a investigação da fase objetal da memória: o que é feito do enigma de uma imagem, de uma *eikón* – para falar grego com Platão e Aristóteles –, que se mostra como *presença de uma coisa ausente*, marcada pelo selo da anterioridade?” In: RICOEUR, P. **A história, a memória, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 18 [grifos nossos].

aconteceu”) trata-se de “uma espécie de mimesis, no sentido tradicional do termo, que privilegiava o passado”(COSTA LIMA, 2006, p. 152). No século XX, contudo, esse preceito aparentemente indiscutível torna-se passível de discussão. Em resposta à questão da história como *mimesis*, diz o autor:

embora a mimesis se mostre na atividade historiográfica, em decorrência de o seu agente sentir, reagir e pensar o mundo, a partir do *lugar* que nele ocupa, essa resposta ao mundo é menos uma mimesis como princípio de construção do que como inevitabilidade; [...] tanto mais viva quanto menos a atividade historiográfica dispõe de conceitos (COSTA LIMA, 2006, p. 155).

Assim, a narrativa histórica se acautela em relação à *mimesis* e lhe concede papel subalterno porque se preocupa, fundamentalmente, com a aporia da verdade. Esta consiste, segundo o autor, em uma pretensão de “dizer como, em um tempo preciso, segundo a ótica do *lugar* que o historiador ocupa, instituições e ações se motivaram” (COSTA LIMA, 2006, p. 156). No entanto, o historiador não se libera de certa *mimesis* – sem que isso afete decisivamente a intenção ou a busca de verdade – no processo de representância de um passado, tanto mais quanto a ciência da história não dispõe, muitas vezes, de conceitos próprios.

A questão do estatuto das narrativas históricas e literárias e suas inter-relações é preocupação antiga do autor, que em 1989 publicou um estudo também de grandes proporções sobre a narrativa. Neste trabalho, dizia: “a própria diferença entre as narrativas histórica (ou antropológica) e ficcional não é senão histórica. Nada nos assegura que amanhã todo nosso trabalho de distinção já não pertença à arqueologia” (COSTA LIMA, 1989, p. 111).

Por enquanto, parece ser uma questão ainda atual – mesmo se considerados os avanços significativos produzidos pela teoria da história alemã, que de certa forma encampa e supera tal discussão – a julgar pela continuidade do tema na obra de Luiz Costa Lima, naquele *História. Ficção. Literatura*, de 2006, bem como no mais recente *O controle do imaginário e a afirmação do romance* (COSTA LIMA, 2009).

Nesse sentido, a discussão sobre as diferenças entre o discurso histórico e literário faz parte de ulterior linha de força da obra de Luiz Costa Lima. Uma, já mencionada, e da qual se falará adiante de forma pormenorizada, é a revisão do conceito de *mimesis*. A outra é uma imensa investigação a respeito das estratégias e práticas ocidentais – entre elas, o realismo

histórico de um Ranke – de veto ao potencial subversivo da ficção, que se desdobra na chamada “trilogia do controle”.¹¹

Um dos trabalhos mais recentes de Luiz Costa Lima foi o de organizar a coletânea de textos *Mimesis e a reflexão contemporânea* (2010). Este último trabalho deve ser considerado em relação de continuidade com seus outros trabalhos a respeito do conceito de *mimesis*, desde *Mimesis e modernidade: forma das sombras* (1980), *Vida e mimesis* (1995) e *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000), que compõem o grupo de ensaios.

Após a virada teórica mais decisiva da trajetória do crítico, na passagem da fase estruturalista para um diálogo com as teorias da recepção, a *trilogia do controle* é uma porta de entrada para sua obra madura, cujo fio condutor passa sempre pela sondagem da *mimesis*. No entanto, não se cumpre a expectativa de um quarto ensaio, que poderia estar contido na coletânea sobre a reflexão contemporânea da *mimesis*. O organizador limita-se a escrever uma introdução, mais ou menos extensa, na medida em que, em parte, comenta rapidamente cada um dos quatro textos que compõem o livro e, de outro lado, comenta a *mimesis* de Theodor Adorno e Jacques Derrida, deixando de fora, não se entende exatamente o motivo, os textos destes autores. Aparentemente, Luiz Costa Lima se opõe às teses de ambos (que entre si, diga-se, são antagônicos) e para evitar mal-entendidos, preferiu não se comprometer e limitou-se a comentá-los na introdução, apenas: “o contraste que efetuará da postura do próprio organizador com a dos reconhecidos pensadores terminou por lhe parecer sujeito a mal-entendidos” (COSTA LIMA, 2010, p. 44). Preferiu, portanto, evitar o risco de ser visto como alguém que deseja se aproveitar de nomes famosos para chamar a atenção.

A *mimesis* de Luiz Costa Lima, segundo Pedro D. Chagas, que defendeu uma dissertação de mestrado sobre o tema,

origina-se no questionamento da crítica literária, na Estética do Efeito de Iser, e na dissociação entre *mimesis* e *imitatio*. Na busca pelo reestabelecimento do conceito após o seu banimento pelas poéticas de vanguarda, o autor desenvolve um entendimento particular da literatura como produtora de conhecimento (CHAGAS, 2004, p. 189).¹²

Os três traços mencionados – questionamento da crítica literária em favor de uma profissionalização e cientificidade da mesma, a virada teórica em favor da estética da recepção e do efeito, a dissociação entre *mimesis* e *imitatio*, derivada da tradução para o latim

¹¹A trilogia é composta das seguintes obras: **O controle do Imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos** (1984), **Sociedade e discurso ficcional** (1986) e **O fingidor e o censor** (1988).

¹² Ver também CHAGAS, P. D. Costa Lima's Mimesis: A Script for Newcomers. **Crossroads: an interdisciplinary journal for the study of history, philosophy, religion and classics**. Vol. 4, issue 11, 2010, p. 10-20.

– são fundamentais na compreensão do percurso da *mimesis* de Luiz Costa Lima. O tema da crítica cumpria uma função negativa, contrária ao resgate da *mimesis* como instância analítica; a estética do efeito, de Iser, assumia uma postura afirmativa, ao propor modelo ou sistema teórico sobre o qual seria erigida uma *mimesis* comunicacional, relacionada a uma ambiência social, como fato histórico-cultural:

uma forte dissonância com o pós-estruturalismo então em vias de se tornar hegemônico está no postulado da tensão mimética provocada pelo atrito entre a sintaxe e uma semântica que, compreendida fenomenologicamente, é um fato da leitura, e conseqüentemente, do leitor. Portanto, se o *mímema* [efeito da *mimesis*] existe para um leitor – ou melhor: em um leitor –, a *mimesis* deixa de simbolizar a eterna presença do imutável materializada na obra literária, para se tornar o signo da permanente mudança. Se a *mimesis* é um fenômeno recepional, ela será sempre, e a cada vez, uma experiência nova [grifo meu] (CHAGAS, 2004, p. 191).

Isso se relaciona, como se observa, a uma proposta de renovação do conceito de crítica literária. A função da crítica para Luiz Costa Lima seria o fornecimento de subsídios capazes de fomentar o pensamento a partir do contato com uma obra literária particular. A proposta de dotar a crítica de cientificidade apoia-se na descrição e na explicação do funcionamento do sistema-texto, e não no julgamento prévio da arte. Nesse caso, a *mimesis*, renovada pelo encontro com o “efeito”, como perspectiva aberta do mundo vivido pelo leitor, exerce um papel fundamental, o de revelar a *diferença* e estimular o senso crítico do leitor. A *mimesis* vista por Luiz Costa Lima, isso é fundamental, é a produção, e não reprodução, porque a sua *mesmice* produz diferença, entendida como efeito imprevisível, uma vez que abre perspectivas para os leitores, pois cria e expõe um mundo literário, que recria o mundo permanentemente. O texto mimético é um discurso do significante em busca de significado; desdobra-se em representações ou realidades diversas pelo receptor (COSTA LIMA, 1980, p. 62).

Penso que, com a ajuda indispensável de Pedro Dolabela Chagas, que produziu o mencionado “script for newcomers” [roteiro para iniciantes] na leitura da obra de Luiz Costa Lima, sem o qual estaria o presente trabalho condenado ao fracasso (dada a impossibilidade de uma leitura articulada de uma obra monumental, em que o conceito em discussão foi (re)trabalhado durante mais de três décadas), penso que consegue-se minimamente compreender a articulação entre *mimesis*, efeito e teoria da literatura – centrais no projeto de nosso teórico. Outras questões, contudo, já despontam no horizonte próximo. A principal delas, a articulação entre a *mimesis* contemporânea, conforme é figurada na coletânea de

2010, e a *mimesis* antiga conforme Platão e Aristóteles (ou seja, um “esboço de história da *mimesis*”). O objetivo é discutir, em primeira instância, a finalidade de Luiz Costa Lima – exposto na introdução de sua autoria – no trabalho sobre a *mimesis* contemporânea; e também, na dimensão histórica do conceito recuperado pelo autor, entender a distinção entre Platão e Aristóteles na colocação do problema.

“Negativamente, o conceito se afirma desde Platão, positivamente, desde Aristóteles” (COSTA LIMA, 2010). Essa assertiva de Luiz Costa Lima sobre a *mimesis* antiga é fundamental para a compreensão de seu projeto de repensar o fenômeno da *mimesis*, não apenas por ser com os filósofos gregos do período clássico que se inicie a discussão (antes dela seria impossível discuti-la, pelo caráter de verdade atribuído até então à palavra do poeta).¹³ A partir do império romano o termo se confunde com o equivalente latino *imitatio* e a confusão se reafirma e persiste do Renascimento até a ruptura impetrada pelo Romantismo de Schelling, Novalis, Schlegel e a reflexão estética de Kant, Hegel e Fichte – o romantismo cultuava o individualismo do gênio autoral, em oposição à imitação da realidade, como capacidade de comunicação entre o indivíduo e o absoluto ou entre interioridade e natureza (BORNHEIM, 1978, p. 75). Então, a assertiva é importante por remeter ao início das transformações envolvendo o fenômeno. Contudo, o autor restringe-se a apenas enunciá-la, sem maiores comentários ou explicações, as quais se devem buscar em outros trabalhos, onde ele desenvolve amplamente o que é aqui apenas um esboço de “história da *mimesis*”, a começar por *Mimesis e Modernidade* (1980).

A leitura da *mimesis* antiga por Costa Lima tem importância reconhecida como etapa fundamental para o conhecimento das transformações do conceito, desde os gregos, ao longo do tempo. O repensar da *mimesis* antiga acende uma esperança no teórico: “[...] que se estimule seu efeito crítico, em uma perspectivização questionadora das verdades naturalizadas” (COSTA LIMA, 2000, p. 44). Não se trata de preocupação apenas referencial na obra do autor, uma vez que necessita – ele mesmo defende o aspecto da historicização das obras literárias – recorrer a uma certa história conceitual da *mimesis*. Seu projeto consiste, e aqui se encontram as linhas de força de seu trabalho, em relacionar a *mimesis* com o fenômeno histórico normativo que a tem acompanhado e que ele denomina o “controle do imaginário”.

¹³ Cf., por exemplo, VERNANT, J- P. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002; JAEGER, W. **Paideia**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

Na articulação recíproca entre autor, texto e contexto, ao tentar situar o autor e suas ideias em perspectiva histórica, este texto se pretendeu uma pequena peça de história intelectual, ainda que bastante dependente da “escrita de si” do autor.

Referências

- ARAÚJO, N. Teorizar a mimesis contemporaneamente (resenha). **História da Historiografia**, Ouro Preto, n.6, mar. 2011, p. 204-212.
- ARAÚJO, V. L. Para além da autoconsciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht. **Varia historia**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.314-328, Jul/Dez 2006.
- ARAÚJO, L. H. B. et al. Luiz Costa Lima: história, discurso, vida. Uma entrevista com Luiz Costa Lima. **História da Historiografia**, Ouro Preto (UFOP), n. 5, set., 2010, p. 265-276.
- AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BORNHEIM, G. Filosofia do romantismo. In: GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- CHAGAS, P. D. *Mimesis* e criticidade na obra de Luiz Costa Lima. **Em tese**, Belo Horizonte, v. 8, p. 189-197, dez., 2004.
- CHAGAS, P. D. Costa Lima's Mimesis: A Script for Newcomers. **Crossroads**: an interdisciplinary journal for the study of history, philosophy, religion and classics. Vol. 4, issue 11, 2010, p. 10-20.
- COSTA LIMA, L. **A literatura e o leitor**: textos de Estética da Recepção. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- _____. Explosão das sombras: a *mimesis* entre os gregos. In: **Mimesis e modernidade**: a forma das sombras. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. Da existência precária: sistema intelectual no Brasil. In: **Dispersa demanda**: ensaios sobre literatura e teoria. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- _____. Quem tem medo de teoria? In: **Dispersa demanda**: ensaios sobre literatura e teoria. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- _____. Hermenêutica e abordagem literária. In: **Teoria da Literatura em suas fontes**. Vol. I. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983, p. 79-83.
- _____. **As aguarrás do tempo**: estudos sobre a narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 111.
- _____. Esboço de uma autobiografia intelectual. In: **Vida e mimesis**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. **Mimesis, desafio ao pensamento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. A teoria da literatura entre nós. **Floema** (UESB), Ano II, n. 2A, p. 33-40, out. 2006.
- _____. **Trilogia do controle**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- _____. **O controle do imaginário e a afirmação do romance**: *Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. (Org.) **Mimesis e a reflexão contemporânea**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.
- DOSSE, F. **História do Estruturalismo I**: O campo do signo (1945-1966). São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1993.

- _____. **La marche des idées**: histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Paris: Éditions La Découverte, 2003.
- FARIA, R. L. A polêmica do Estruturalismo ou “Quem tem medo de teoria?”. In: **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC**: Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, 2008.
- GADAMER, H. G. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GUMBRECHT, H. U. **1926**: vivo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____; ROCHA, J.C. **Máscaras da mimesis**: a obra de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-RJ, 2010.
- HOLANDA, L. S. B. Da autonomia mimética: uma comparação entre a *mimesis* platônica e a *mimesis* aristotélica. **Ítaca** (UFRJ), n. 7, p. 158-171, 2007.
- JAUSS, H.R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LÖWY, M. **Redenção e utopia**: o judaísmo libertário na Europa central (um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- RICOEUR, P. **A história, a memória, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Recebido em 17 de janeiro de 2014

Aprovado em 29 de maio de 2014